

25.000

A LINDA HISTÓRIA  
DE UMA FAMÍLIA NO TEMPO  
DE DONA MARIA I

DER. LEG.

L. 13143<sup>4</sup> V.



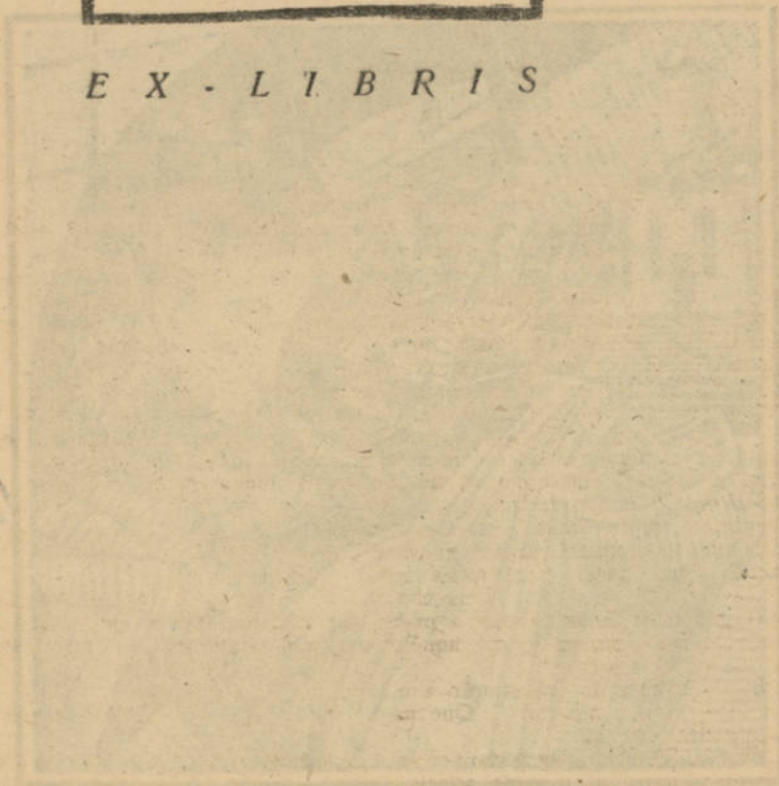
160302

COLECÇÃO PÁTRIA — LIVRO NÚMERO QUARENTA

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1944



E X - L I B R I S



9180302

COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES  
OFICINAS GRÁFICAS «MINERVA», DE  
GASPAR PINTO DE SOUSA, SUCRS., LTD.ª  
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1944

LISBOA — EDIÇÕES S. M. — 1944

## LIVRO QUARENTA

L. 13 / 43 - 4 V.

### A LINDA HISTÓRIA DUMA FAMÍLIA NO TEMPO DE D. MARIA I



Quando Dona Maria I, única filha de el-rei Dom José, subiu ao trono, um dos seus primeiros cuidados foi dar a liberdade aos inocentes que a tirania do marquês de Pombal encarcerara. A boa rainha Dona Maria quebrara o poder de que o marquês tanto abusara e agora já ninguém tinha medo d'êlé. As portas das prisões abertas deram passagem a mais de oitocentas pessoas que jaziam nas masmorras havia anos e anos; muitíssimos mais lá tinham morrido de maus tratos e de desespero. Os que agora apareciam à luz do dia, mais pareciam fantasmas do que gente viva, tais tinham sido os sofrimentos e maus tratos que lá tinham passado.

Chamava-se um d'êles Manuel de Sequeira. Pouco mais tinha de quarenta anos, mas quem o via não lhe dava menos de sessenta e tantos. Magro, escanzelado, rôto e sujo, com os cabelos todos brancos, a cara vincada de rugas, trémulo como um velho, caminhava apoiado a um bordão, arrastando os pés. Havia quinze anos que jazia no fundo de uma masmorra só porque a sua alma generosa se revoltara contra as injustiças e crueldades do marquês.

Quando se viu na rua olhou com uma cara espantada em volta de si. Defronte da prisão juntara-se muita gente; uns por curiosidade, outros à espera de parentes e amigos. Assim os prisioneiros logo que saíam para fora daquela maldita porta, eram rodeados de gente que procurava reconhecê-los.

Ouviam-se gritos e exclamações:

— Meu rico pai! Jesus! Tão acabadinho!

— Olha o teu irmão! Parece um velho!

— José! Meu José! Onde estás tu?

Corriam muitas lágrimas. Uns choravam de alegria ao abraçar os seus, outros de agonia ao verem o que a prisão fizera d'êles, outros de desespero e de saudade ao convencerem-se que aquêles que êles esperavam com tanto amor, já não eram d'êste mundo.

Havia murmúrios de indignação e cólera:

— Maldito seja o marquês! Que pague nas profundas do inferno todo o mal que fêz neste mundo!

Manuel de Sequeira encostara-se a uma parede e ali se deixara ficar muito tempo a olhar para tôda aquela gente. Olhava, olhava para um lado e para outro, espreitava entre tôdas aquelas cabeças da multidão; escutava com muita atenção à espera de ouvir alguma voz que chamasse o seu nome. Mas não via nenhuma cara conhecida e ninguém o chamava. De vez em quando limpava a testa e os olhos com um lenço sujo e roto e continuava a olhar, a procurar, a escutar. A pouco e pouco ia-se o largo esvaziando. Uns iam para um lado outros para outro... Era já noitinha e já não se via ninguém defronte da prisão. E Manuel de Sequeira esperava ainda.

Por fim lá se foi embora. Soltou um grande suspiro e lá se foi, devagar, todo curvado como se levasse muitas arrobadas às costas...

Andou, andou... Foi dar à sua antiga casa onde fôra tão feliz com a mulher e o filhinho. Mas viu que um fogo lhe levara a casa; só viu paredes arruinadas e chamuscadas.

— Que teriam feito dela e do meu filho? Mataram-nos, mataram-nos... — disse êle consigo — Ai, mal empregado o marquês maldito estar velho, doente e exiliado... que por minhas próprias mãos lhe queria eu fazer pagar tantas agonias!

Depois sossegou e continuou a andar, ao acaso, sem destino, sem saber para onde ia...

Confundiam-se-lhe os pensamentos. Já não sabia se estava a sonhar ou acordado. Perdia-se na confusão das idéias que lhe acudiam, perdia-se nas ruas por onde ia passando. Faltavam-lhe as forças a mais e mais. Sentia-se tão cansado que lhe apetecia deitar-se no chão e deixar-se morrer...

Por fim parou, juntou as mãos, ergueu o rosto ao céu e fêz uma oração a Nossa Senhora da Conceição que era a padroeira da sua família:

— Louvada sejas, Virgem Santíssima, por me terdes feito sair da prisão com vida. Mas não tenho já ninguém na terra... E agora vos peço, Senhora, que me leveis, por vossa infinita misericórdia, para junto dos meus que estão decerto nos Céus...

E nisto Manuel de Sequeira recomeçou a andar; mas ia com os olhos erguidos ao Céu onde brilhavam muitas estrêlas e, não reparando onde punha os pés, topou nos degraus da grande escadaria de entrada de uma casa. Caiu de bruços e ali ficou sem sentidos.

Passou-se algum tempo. Soprava uma nortada fria; a rua estava deserta. Manuel de Sequeira, fraco e doente de tantas privações que passara, e mal coberto com fato velho e esfarrapado, ali acabaria decerto os seus dias, se Nossa Senhora da Conceição lhe não valesse.

Pouco depois da sua queda, ouviu-se ruído dentro de casa. Passos e vozes; e, de repente, abriu-se a porta do alto da escadaria e saíu um laçao com uma lanterna a alumiar o caminho a um homem que vinha atrás dêle.

— Credo! Jesus! Que é isto? — disse o laçao ao dar com o corpo de Manuel de Sequeira estendido nos degraus.

Daf a pouco acudiu gente de dentro de casa, pegaram no pobre homem com jeito e lá o levaram.

A pessoa que ia a sair era um médico que tinha vindo ver uma criada doente. O dono da casa, que se chamava Joaquim de Noronha e era pessoa muito conhecida e respeitada, logo deu ordem para que deitassem o infeliz numa boa cama; e o médico examinou-o com todo o cuidado e disse:

— Este homem não tem nenhuma doença de perigo. O que êle está é meio morto de cansaço e de fraqueza. Deve ter passado muita fome e privações.

Despiram-no, enfiaram-lhe uma camisa lavada, meteram-no dentro da cama com boas almofadas e botijas de água quente. O médico meteu-lhe pela bôca abaixo umss colherzitas de vinho velho do Pôrto.

Quando Manuel de Sequeira abriu os olhos, viu tôda aquela boa gente à roda dêle. Era o dono da casa, Joaquim de Noronha, um homem bem parecido, dos seus quarenta e tantos anos; e Dona Maria José, sua mulher, tão linda e distinta que parecia uma princesa; e o médico, debruçado sôbre êle a tomar-lhe o pulso; e um rapaz dos seus dezasseis anos, esbelto e tão perfeito que era um gôsto olhar para êle.

Manuel de Sequeira olhava com admiração para todos, mas não tinha forças para falar. Depois de tantos anos de maus tratos, de misérias e de brutalidades, tudo aquilo lhe parecia um sonho.

Juntou as mãos e murmurou com voz tão fraca que mal se ouvia:

— Louvado seja Nosso Senhor!

E, fechando os olhos, soltou um suspiro e adormeceu profundamente.

O médico disse baixinho:

— Deixem-no dormir. Quanto mais tempo dormir assim descansado, melhor. Quando acordar, dêem-lhe um caldo forte e uma golita de Pôrto. Não o deixem falar nem mexer-se. Eu passo por cá amanhã. O que êle precisa é descanso e bom alimento.

Correram uns três dias. Manuel de Sequeira bem tratado e bem alimentado, sentia voltar-lhe a saúde e as forças. Mas cada vez que queria levantar-se ou falar, não o deixavam. Joaquim de Noronha dizia-lhe:

— Mais tarde conversaremos.

Muitas vezes quando acordava, pelo meio do dia, via aquêlo bonito rapaz a quem chamavam Gil e que era o filho, de Joaquim de Noronha, sentado no poial da janela com um livro na mão. Apenas êle se mexia Gil levantava-se e vinha ao pé dêle concertar-lhe as almofadas, endireitar-lhe a roupa, mas não dizia palavra. Manuel de Sequeira ficava às vezes a olhar para o rapaz sem êle dar por tal. Dava-lhe um grande gôsto olhar para o Gil. Uma tarde, dando o sol no cabelo prêto e anelado do rapaz, Manuel de Sequeira lembrou-se do cabelo prêto e anelado da sua querida mulher. Achou o Gil parecido com ela. Mas fechou os olhos a tôda a pressa e tratou de afastar tal pensamento que lhe pareceu disparatado.

Quando ao cabo de duas semanas Manuel de Sequeira começou a levantar-se e a falar, Joaquim de Noronha e a sua mulher logo perceberam que o seu hóspede era pessoa fina e de qualidade. São coisas fáceis de ver, nas maneiras, no modo de falar, nos gestos, para quem está habituado a viver no meio de gente de boa educação e costumes. Lembraram-se de que Manuel de Sequeira lhes caíra meio morto à porta de casa no dia em que se tinham aberto as portas das prisões e logo pensaram que êle devia ser um dos infelizes saídos das malditas masmorras do marquês.

Quando Manuel de Sequeira se levantou pela primeira vez, encontrou roupa nova e bons fatos e pôde vestir-se como havia tantos e tantos anos lhe não sucedia. Não sabia como agradecer tantos favores e gentilezas. Um dia foi ter com Joaquim de Noronha à sala onde êle costumava estar e disse-lhe assim:

— Já é tempo de vir dizer-lhe quem sou e de me ir embora para não abusar mais de uma hospitalidade e de uma caridade que nunca poderei agradecer bastante.

Joaquim de Noronha respondeu com muito bom modo:

— Não tem nada que agradecer. Não fiz mais do que você faria no meu lugar. Não pense em se ir embora tão cedo. Quanto à sua história, adivinho quanto deve ser triste e contá-la deve fazê-lo sofrer.

Neste ponto da conversa abriu-se a porta e entrou Dona Maria José com o Gil e a Maria do Céu que era a filha mais nova, uma criança muito linda dos seus dez anos.

— Não sabíamos que o nosso hóspede estava aqui, — disse Dona Maria José. — E pedimos desculpa de ter interrompido assim a sua conversa.

— Se o dono da casa mo permite — acudiu logo Manuel de Sequeira — peço a V. Ex.<sup>a</sup> e aos seus filhos que escutem o que vou contar. É um dever de gratidão. Sou pobre e nada tenho que lhes oferecer senão a história triste da minha desventura.

Isto era ao entardecer. A luz do dia entrava pelas janelas, coada pela ramaria do jardim e iluminava as paredes cobertas de livros e de quadros.

Quando todos se sentaram, Manuel de Sequeira começou assim a sua história.

«— Meu pai era oficial da casa de el-rei Dom José que Deus haja o meu irmão e eu fomos criados no paço e depois fizemos os nossos estudos sob a direcção dos bons padres da Companhia de Jesus. Tanto meu irmão como eu tínhamos grande gôsto e amor pelo estudo e os nossos mestres, vendo a nossa paixão de saber, não se poupavam a nenhum esforço para nos darem a melhor instrução. Trataram-nos sempre de tal maneira que por morte dos nossos pais, ficaram êles no seu lugar, dirigindo-nos, aconselhando-nos, protegendo-nos e guiando-nos em tudo.

«Desde que principiou a perseguição do marquês contra os jesuítas, meu irmão e eu, sempre e em tôda a parte tomamos a sua defesa. As coisas iam de mal a pior em Portugal. Primeiro foi o terramoto em Lisboa, como

se Deus quisesse assim prevenir os portugueses do mau caminho que levavam. Depois a abominável execução dos Távoras e outros, essa mancha de sangue a sujar a nossa história. Depois a perseguição aos jesuítas e a sua expulsão. Meu irmão e eu estávamos já marcados. Sabíamos que haviam denúncias contra nós. A gente do marquês de Pombal encontrou-nos na casa dos jesuítas quando lá foram vexá-los com perseguições. Foram insolentes com os nossos amigos e protectores e nós respondemos como entendemos. Travou-se luta entre aquêles canalhas e nós. O meu irmão foi ali morto com uma punhalada nas costas. E eu fui levado para uma masmorra de onde só agora saí, depois de quinze anos de misérias e de maus tratos.

«Quando isto aconteceu estava eu casado havia dois anos e vivia no céu com a minha adorada mulher. Dera-nos Deus um filhito que tinha dez meses quando o vi pela última vez. Vivíamos muito bem porque meus pais tinham-nos deixado uma boa fortuna em terras.

«Um dia, passado tempos, um homem que chegou noutra leva de prisioneiros e que ainda era meu parente, disse-me que os meus bens tinham sido todos confiscados, que a minha mulher morrera... Não sabia êsse homem o que era feito de meu filho, mas tão pequenito e desamparado, decerto morreu também. Nunca mais tive notícias cá de fora e assim os dias foram correndo sôbre o meu desespero, e os meses, e os anos.

— Quando saí da prisão ainda trazia alguma esperança. A esperança é coisa muito difícil de morrer no coração dos homens. Mas por mais que olhasse para aquela gente que se juntara à porta da prisão para receber os que de lá saíam, não vi nenhuma cara minha conhecida. Quinze anos é muito tempo. Dos meus parentes e amigos decerto alguns morreram ou foram exilados, e os outros esqueceram-me ou cuidam que já não sou dêste mundo...

«Mas tudo isto são coisas que pertencem ao passado. Não quis Deus fazer-me a esmola de me levar como levou a minha mulher. Agora que, graças à bondade de quem aqui me acolheu e me salvou, eu recuperarei saúde e fôrça, a minha obrigação é começar vida nova, trabalhar, ganhar o meu pão, não ser pesado a ninguém...»

Gil, que se sentara numa almofada aos pés da mãe, ergueu-se num ímpeto.

— Crimes tão grandes merecem grandes castigos! — exclamou êle. — O exílio do marquês de Pombal não basta. É preciso que os novos como eu acordem...

— Meu filho — disse Dona Maria José, pondo-lhe a mão no ombro e tentando sossegá-lo — A rainha Dona Maria, que agora nos governa com tanta prudência e sabedoria, entende bem melhor do que tu o que se deve fazer. Todos os bons portugueses devem ter inteira confiança em quem os governa com tanto juízo e mão tão firme. O marquês, exilado lá em Pombal, privado dos bens que à custa de tantas vítimas juntou, velho, doente, humilhado, abandonado e desprezado por todos deve sofrer muitíssimo, êle que tinha um orgulho tamanho, e tanta ambição, e tão grande ânsia de poder.

— Crimes tais, Gil — disse Joaquim de Noronha — só da mão de Deus podem ter o castigo que merecem. Não queria eu estar no lugar do marquês, quando chegar a sua hora de prestar contas ao Juiz Supremo lá no Céu.

O tempo passara nestas conversas. Os criados entraram com os candieiros e anunciaram que a ceia estava na mesa.

Joaquim de Noronha tinha numerosos amigos. Era homem de muito saber; a sua biblioteca e as suas colecções mereciam a atenção e os elogios de todos os estudiosos de nomeada que freqüentavam a sua casa. O marquês de Angeja, que era um sábio de fama em ciências naturais, vinha muitas vezes vê-lo; e do mesmo modo o abade Correia da Serra, botânico de grande fama, cujas obras eram bem conhecidas não só em Portugal como no estrangeiro.

Manuel de Sequeira que recebera dos jesuítas uma séria instrução, apaixonara-se sempre especialmente pelas ciências naturais. O marquês de Angeja, ao conversar com êle, percebeu logo como eram vastos os seus conhecimentos.

Raramente encontrara quem tanto soubesse destas ciências. Andava êle então a organizar no seu palácio um museu de ciências naturais que já era muito rico. Vinham sábios estrangeiros visitar êste museu e de dia para dia crescia a sua fama. Ao mesmo tempo empenhava-se o marquês de Angeja na criação de um jardim botânico em Lisboa, o primeiro que houve em Portugal e cuja nomeada veio a ser muito grande.

Vendo o marquês de Angeja quanto Manuel de Sequeira poderia ajudá-lo nestes seus trabalhos e sabendo como era raro encontrar-se pessoa de tanta capacidade e competência para tais investigações, encarregou-o de vários serviços importantes no seu museu e ofereceu-lhe muito bom ordenado. Daí a alguns meses Manuel de Sequeira era outro homem. Enchera-se de coragem e ganhara tanto interêsse e amor aos seus trabalhos que nêles afogava as tristes lembranças do passado.

Joaquim de Noronha apreciava-o tanto e criara-lhe tanta amizade que lhe pediu como um favor que continuasse a viver em sua casa como um irmão. Mandou-lhe arranjar um gabinete para os seus estudos e trabalhos e ali passavam os dois muitas horas entregues às suas labutas científicas, nas quais muitas vezes se jantavam o marquês de Angeja e o abade Correia da Serra.

Agora sim, agora podia-se trabalhar e viver sossegado em Portugal. Desaparecera o detestável marquês de Pombal; e Dona Maria I era uma grande e excelente rainha e na sua mão segura e bondosa o país inteiro respirava e florescia.

A pouco e pouco todos os abusos criados pela tirania e cobiça do marquês de Pombal, iam caindo por terra. Acabou-se com a Companhia do Grã-Pará e Maranhão que enchera os bolsos do marquês e dos seus amigos e que arruinava o comércio português. Outras companhias como esta foram abolidas e o comércio, assim desafogado, começou a prosperar. Modificaram-se as leis de Pombal, diminuíram-se os impostos; as indústrias, muito bem protegidas por leis ajuizadas e justas, puderam desenvolver-se.

O exército e a marinha encontravam-se em estado lamentável. Agora, de baixo da firme e competente direcção do duque de Lafões, reorganizou-se o exército. Criou-se o Colégio Militar e do mesmo modo a Companhia dos Guardas Marinhas. Construíram-se e armaram-se navios. Todos os anos saíam do Tejo pequenas esquadras em serviço de instrução. E os nossos barcos eram tão bons como os barcos franceses e ingleses. Os nossos marinheiros e os nossos soldados já nos não envergonhavam; pelo seu aprumo, boa disciplina e instrução, faziam boa figura onde quer que fôsem.

A terra de Portugal deve muito à rainha Dona Maria I. Era uma senhora muito instruída, de muito boa cabeça e de grande coração. Soube rodear-se de homens honestos e de alto valor, que tudo faziam pelo bem do país. Foi ela quem criou a Academia Real das Ciências à qual a ciência e as letras portuguesas muito deveram. Também muito deve a esta boa rainha a instrução em Portugal. Trabalhava-se com entusiasmo e com fé.

Um dos grandes homens escolhidos pela rainha e que mais a ajudou na sua obra, foi Pina Manique, intendente da policia. Este homem trabalhou sem descanso e com amor para o bem de Portugal. Sabia o que queria e tinha uma vontade austera e forte e um grande coração. Foi êle que imaginou e criou a Casa Pia de Lisboa.

O marquês de Pombal deixara tudo em grande confusão. Fêz muitas coisas que lhe deram fama, mas como não tinha coração, tudo que fazia era sêco e frio; árvores que poucos ou nenhuns frutos bons vieram a dar, e algumas só deram frutos envenenados.

O bom intendente Pina Manique, êsse trabalhava com o seu coração. Cuidava mais do bem do povo do que de criar fama. Mandou vir batata de qualidade escolhida para semear no Ribatejo, e boas sementes de linho para as terras onde êle se dava; semeou muitos pinhais em baldios, plantou muitos milhares de oliveiras. Como no Alentejo havia muita terra sem cultura por falta de braços, mandou vir colonos dos Açores, deu-lhes terras e ferramenta.

Fêz boas estradas, limpou rios, lançou pontes, aumentou e animou a cultura do trigo, deu a primeira iluminação às ruas de Lisboa, organizou muito bem a polícia da cidade, acabou com a vadiagem e gatunagem, castigou severamente todos os que tentavam espalhar em Portugal as ideias desgraçadas da Revolução francesa das quais tanto mal veio ao mundo.

Tôdas estas coisas iam dando os seus frutos: maior fartura de tudo, sossego e liberdade para quem trabalhava e era honesto, e castigo a quem não respeitava as leis e a quem tolhia a liberdade dos outros. E o povo ia conhecendo uma felicidade e uma segurança de que havia muito tempo não gozava. Todos bendiziam a excelente rainha Dona Maria I que tão bem governava, e os bons ministros que tão bem cuidavam da prosperidade de Portugal.

Em casa de Joaquim de Noronha corria a vida serena e feliz. Manuel de Sequeira era cada vez mais apreciado e estimado por todos. Entre êle e o Gil tinha crescido uma grande e funda amizade. O Gil respeitava-o muito, mas ao mesmo tempo tinha tanta confiança com êle que lhe falava mais à vontade do que aos próprios pais. E Manuel de Sequeira ganhara-lhe tamanho afecto que, se êle fôra seu filho, não poderia querer-lhe mais.

Gil seguira a carreira militar e distinguira-se tanto nos seus estudos que merecera dos seus superiores e mestres a maior consideração. A par disso interessava-se muito pelos trabalhos científicos do pai e de Manuel de Sequeira. Era um rapaz sério quando se tratava de coisas sérias, mas tinha uma natureza ardente e alegre. Sua irmã, Maria do Céu, tinha crescido, tinha-se feito senhora. Era tão linda, tão inteligente, tão alegre, tão cheia de graça, que não se podia imaginar criatura mais perfeita. Os dois irmãos eram muito amigos, andavam sempre juntos, divertiam-se, passeavam, estudavam os dois, e era um gôsto ver a felicidade e a amizade daqueles dois seres.

Parecia que nenhuma nuvem ameaçava aquela família tão feliz. E assim foi passando o tempo. Foi no dia em que Maria do Céu fêz dezóito anos, que Manuel de Sequeira começou a reparar numa certa mudança no génio do Gil. Daí por diante observou-o com mais atenção. Viu que o rapaz andava preocupado e tristonho e que aquêlê mal aumentava. Perdeu a vontade de comer e às noites, como o quarto dêle ficava por cima do de Manuel de Sequeira, êste ouvia-o passear de um lado para o outro sem descanso até altas horas. Além disto Gil ausentava-se de casa cada vez mais. Começou a sair aos serões e explicava que tinha trabalhos com outros militares. A Maria do Céu começou a entristecer. Dizia a Manuel de Sequeira de quem era muito amiga:

— Parece que o Gil se aborrece na minha companhia. Não sei que mal lhe fiz.

Uma noite, Manuel de Sequeira tirou-se dos seus cuidados e, quando o Gil saíu de casa, foi disfarçadamente atrás dêle; viu que o rapaz andava sem destino pelas ruas, procurando os sítios mais desertos da cidade como quem procura no cansaço e na solidão o esquecimento de grandes penas.

No dia seguinte chamou o Gil ao seu gabinete e disse-lhe assim:

— Gil, tens-me tratado sempre como grande amigo e tens-me sempre dado tôda a tua confiança. Mas há algum tempo para cá foges de mim e fechas-me o teu coração. Que tens tu? Que cuidados são êsses tão grandes que te trazem assim mudado?

Gil levantou-se com ímpeto e transtornou-se-lhe o rosto como se tivesse recebido uma punhalada.

— Não mo pergunte... Por Deus não mo pergunte! — exclamou êle. — Não mo pergunte que nem eu me atrevo a preguntá-lo a mim mesmo!...

Escondeu a cara nas mãos e assim ficou algum tempo. Mas fêz um grande esforço e tratou de se dominar com aquela dura vontade que fazia dêle um homem a valer. Quando descobriu a cara, tinha desaparecido a sua expressão de agonia.

— Não faça caso, tio Manuel — disse êle com voz sossegada.



Tanto o Gil como a Maria do Céu tinham-se costumado a chamar tio a Manuel de Sequeira.

— Não faça caso. Não é nada da minha vida... Ando preocupado com as coisas que se estão passando agora no mundo. A França perdeu o juízo. Alguns homens inteligentes e instruídos embebedaram-se com o seu saber, incharam de orgulho e andam a meter na cabeça do pobre povo que não há Deus, que todos os humanos são iguais e não sei que mais disparates e criminosas loucuras que só servem para tornar tôda a gente desgraçada. Mata-ram o rei de França, Luiz XVI, perseguem e matam os nobres, homens e mulheres, novos e velhos, as ruas de Paris andam cheias de sangue e de horror e o povo transformado em animais ferozes, comandado por gente desvairada que o embebeda com mentiras e o arrasta à perdição. Em nome de uma liberdade falsa cometem-se as maiores crueldades e injustiças e mata-se a liberdade verdadeira. E o pior de tudo é que essa peçonha já começa a alastrar pelo mundo. Já há por cá quem a proclame. Muitos portugueses estúpidos ou cobiçosos, pescadores de águas turvas, vendem-se — os desavergonhados! — aos agentes estrangeiros que lhes pagam bem para eles irem espalhar o veneno desta perdição na alma do nosso santo povo. Assim se semeiam ideias mortais. Dizem que não há Deus, os miseráveis! E em Paris levantaram um altar a uma deusa que inventaram, a Deusa Razão! E não falam senão nos Direitos do Homem, esquecendo completamente que antes dos direitos veem os deveres. A nova lei é não haver lei, não haver rei, não haver Deus, e cada um fazer o que quiser; e não respeitar nada, nem religião, nem família, nem pátria, e assim tornar os homens iguais aos animais só entregues aos seus instintos. É como se de repente as portas do inferno se abrissem e Deus desse licença aos diabos para se espalharem sobre a terra...

Manuel de Sequeira escutava o rapaz com atenção. Neste ponto interrompeu-o:

— Bem sei tudo isso — disse êle; — bem sei como essa peste francesa se vai alastrando. Aquela gente, não contente de provocar a desgraça do seu povo, quer que todos os outros povos bebam o mesmo veneno. O estribilho dêles é «Liberdade! Igualdade! Fraternidade!» E o povo que não sabe nada lhe passa pela cabeça; *Igualdade*, abaixar todos os superiores à altura dos inferiores; *Fraternidade*, juntarem-se os mais incapazes e incompetentes a fim de julgarem e condenarem homens e valores muito acima do seu entendimento. Assim a canalha mais ignorante e bruta anda à solta a abusar de mulheres, a roubar, a destruir, a matar. Isto é o princípio do fim, Gil. O fim desta civilização; muitos e muitos anos se passarão ainda até que ela acabe de todo; mas esta é a semente da morte que dará cabo dela. O povo em todos os países do mundo precisa de ser mandado. A sua felicidade não está em mandar mas sim em ser bem mandado. As nações onde deixe de haver boas cabeças para mandar o povo, morrem.

Manuel de Sequeira calou-se. Fitou o Gil com um olhar sério, pôs-lhe a mão no ombro e continuou:

— Tudo isto é a triste verdade, Gil. Agentes franceses disfarçados andam por aí a espalhar as suas ideias desgraçadas; e o intendente Pina Manique tem bom trabalho em os procurar e em castigar os portugueses que já principiam a aceitar tais mentiras. A tal ponto esta peçonha tem crescido que a nossa excelente rainha Dona Maria, à força de se atormentar e de se desesperar, vendo ameaçado o bom trabalho de tantos anos da sua vida, acabou por perder a razão sem remédio. Temos agora o seu filho, o príncipe regente Dom João a governar-nos. Deus o inspire sempre e lhe dê a força precisa para fazer frente a tão perigosos inimigos. Tudo isto é muito verdade e muito triste, sei-o tão bem como tu. Mas, Gil, a mim não me enganas tu. Estas coisas afligem-te como me afligem a mim, como afligem todos os homens de juízo e firmes na sua fé. Mas não é isso que te roubou a vontade de comer e o sono. Há no fundo do teu coração um outro tormento, Gil; um tormento tão escondido e terrível, que nem a mim te atreves a confessá-lo.

— Não, tio Manuel, não há outra coisa — respondeu o Gil, desviando o olhar.

Afastou-se de Manuel de Sequeira, caminhou para o vão da janela e ali ficou a olhar para fora, de costas voltadas. E de repente virou-se, muito pálido, todo a tremer e disse:

— Não me pergunte mais nada, tio Manuel, se é meu amigo. Eu não sei o que tenho... Não quero saber... Ai, Deus do Céu, não há palavras que possam explicar a minha agonia...

E safu do quarto quasi a correr. Manuel de Sequeira ficou a olhar para a porta e a escutar os passos precipitados do Gil descendo a escada...

As coisas iam mal. A Espanha e Inglaterra formaram aliança para combaterem as ideas venenosas da França; e tanto fizeram que arrastaram também Portugal nessa combinação. Apenas isto se fêz logo começaram os corsários franceses a atacar e roubar os nossos navios no mar.

Organizou-se uma divisão portugueza de cinco mil homens para combater os franceses juntamente com as tropas espanholas do general Ricardos que já atravessara os Pirinéus e invadira o Russilhão (antiga provincia francesa que hoje se chama Alpes Orientais).

As tropas portuguezas embarcaram em Lisboa no dia 20 de Setembro de 1793, com destino a Barcelona de onde seguiam a juntar-se às do general Ricardos.

A tristeza e a inquietação do Gil tinham ido sempre a mais. Agora passavam-se dias inteiros que não vinha a casa; explicava que tinha muito que fazer no quartel. O pior de tudo era a Maria do Céu. A pobre menina adorava o irmão, estava costumada à sua companhia. Sem êle não havia para ela contentamento nem alegria.

— Perdeu-me tôda a amizade — dizia ela a Manuel de Sequeira. — Não faz caso de mim. Até parece que foge de estar comigo. Mas que mal lhe faria eu?

E Maria do Céu emagrecia e perdia as côres do rosto e a alegria do coração. Com a tristeza daqueles dois seres que êle tanto amava, Manuel de Sequeira andava como uma alma penada.

Por fim, no dia da partida das tropas portuguezas para o Russilhão, veio a extraordinária noticia que rebentou naquela casa como uma bomba. Na hora em que os navios saíam a barra do Tejo, um criado veio bater à porta do gabinete onde Manuel de Sequeira estava a trabalhar e entregou-lhe uma carta que um soldado acabava de trazer. O soldado dissera que não tinha resposta.

Dentro da carta vinha um saquinho de sêda contendo um objecto pesado. Mas Manuel de Sequeira não o abriu. Reconhecera a letra de Gil e o seu primeiro cuidado foi ler a carta.

A carta não era grande. Dizia assim:

«Meu querido tio Manuel:

«Escrevo-lhe a si pedindo-lhe que dê aos meus pais e à minha irmã a noticia da minha partida para a guerra. Não disse nada até ao fim para não os apoquentar. Pedi aos meus superiores que me mandassem nesta expedição, porque um homem novo como eu e cujo officio é o das armas, tem de ganhar nome nos campos de batalha e é combatendo que serve a sua terra. Vou com muita alegria bater-me contra a gente desvairada que nega Deus, que ama a desordem e despreza tôdas as coisas sagradas que desde sempre aprendi a respeitar.

«Quem vai à guerra arrisca a vida e, como não quero que esta medalha que sempre trago ao pescoço e que tanto estimo, venha a cair em mãos indignas que a profanem, aqui lha mando pedindo-lhe que a entregue à Maria do Céu para ela a guardar até à minha volta se Deus permitir que eu volte; e, se não, ela a guardará sempre como lembrança da grande amizade que o seu irmão sempre lhe consagrou.»

Pouco mais dizia a carta. Manuel de Sequeira leu-a e releu-a umas poucas de vezes.

Depois pegou no saquinho de sêda quasi sem saber o que fazia e ao abri-lo, caíu sobre a mesa um objecto pesado. Era uma medalha de oiro presa a uma fina corrente do mesmo metal.

Manuel de Sequeira ficou-se a olhar para a medalha como se visse coisa do outro mundo. Tornara-se muito pálido e grossas bagas de suor apontaram-lhe na testa. Dizia baixinho:

— Não é possível... Não é possível... Estou a sonhar... Estou doido... Valha-me Nossa Senhora!

Quando conseguiu sossegar e, com vontade de ferro dominou aquela commoção, pegou na medalha e examinou-a longamente.

A medalha era redonda, tôda de oiro macisso. Teria uma polegada de diâmetro e a grossura de um dobrão. Cercava-a uma guarnição de brilhantes; de um lado tinha encrustada uma cruz de esmeraldas. Do outro lado tinha gravado no oiro um cisne coroado e, por baixo, estas palavras:

*Manuel — Conceição  
2 de Outubro de 1762*

Manuel de Sequeira começou a contar os brilhantes e as esmeraldas. Queria certificar-se bem de que se não enganava. Vinte e quatro brilhantes, nove esmeraldas; a conta estava certa. O cisne coroado era o timbre das armas da sua casa. Mandara-o êle gravar com muito amor. *Manuel* era o seu nome; *Conceição* o da sua querida mulher. E aquella medalha tinha êle mandado fazer e por suas próprias mãos a prendera ao pescoço da sua mulher no dia do baptizado do seu filho: *2 de Outubro de 1762*.

— O Deus de misericórdia! — exclamou Manuel de Sequeira — Como são misteriosos os caminhos da vossa justiça!

Não estava a sonhar, não. A medalha era aquella que êle dera à sua mulher; até tinha uma pequena arranhadura no oiro, ao lado do cisne, de uma vez que caíra nas lages da entrada da casa... Mas como fôra parar às mãos do Gil? Quem lha dera? Seria possível...

Assim esteve mergulhado nestes pensamentos, pedindo a Deus que o esclarecesse e o guiasse até que por fim se levantou e, metendo no bôlso a carta e a medalha, foi procurar Joaquim de Noronha.

— Joaquim — disse êle ao entrar na sala onde o seu amigo estava sentado à mesa de trabalho — venho aqui trazer-te uma noticia que te causará cuidados e alegria. Alegria por ficares sabendo como o teu filho entende o cumprimento do seu dever, e cuidados porque o coração de um pai não pode deixar de os ter quando seu filho arrisca a vida.

E tirando a carta do bôlso, entregou-a sem mais explicações.

Joaquim de Noronha leu a carta do filho sem dar mostras de commoção. Era um homem às direitas, forte de ânimo, e habituara-se a dar poucas mostras no rosto do que lhe ia no coração.

— O Gil é soldado e cumpre o seu dever de soldado — disse êle simplesmente. Deus o proteja, a noticia será dura para a mãe e para a irmã, mas ambas elas sabem que um homem, para ser digno do nome de homem, tem de cumprir o seu dever. E nenhuma delas se abandonará a lamentações e choros.

Manuel de Sequeira debruçou-se sobre a mesa e fitou o seu amigo.

— Joaquim — disse êle, — por tua honra responde com verdade à pergunta que te vou fazer. A tua resposta será mais importante para mim do que a própria vida. O Gil é realmente teu filho e filho da Maria José?

Joaquim de Noronha não desviou o olhar dos olhos do amigo, mas levantou-se e um grande espanto e surpresa se espalharam no seu rosto.

— Se me fazes tão estranha pergunta, Manuel, boa razão deves ter. Sei como és discreto e como é fundo o affecto que nos liga. Responderei com a verdade e a lealdade que sempre existiu entre nós. Vou dizer-te um segredo que há mais de trinta anos guardo no meu coração e que mais ninguém sabe neste mundo. Não, Manuel, o Gil não é meu filho nem filho da Maria José

senão pelo amor que lhe temos. Mas a Maria José crê firmemente que o deus à luz.

Manuel de Sequeira fêz-se branco como a cal da parede.

— Mas como pode isso ser? — perguntou êle.

— Quando nasceu o nosso primeiro filho — respondeu Joaquim de Noronha, — a criança veio morta a êste mundo e a vida da mãe encontrou-se em tal perigo que os médicos tinham perdido tôda a esperança de a salvar. Ardia em febre, delirava, e os médicos diziam que, se por milagre escapasse, a razão não poderia voltar-lhe. Mas êsse milagre quis Deus fazê-lo e ao cabo de muitas semanas de sofrimento e de cuidados, tive eu a fortuna de a ver a pouco e pouco vencer o mal e, o que mais é, recuperar o juízo. Mas era preciso evitar-lhe qualquer abalo; para a conservar viva e com o uso da sua razão era indispensável poupar-lhe qualquer abalo, qualquer comoção. Ao voltar a si, o seu primeiro pensamento foi para o filho. Queria vê-lo. Queria beijá-lo. Tive que lhe mentir. Disse-lhe que, estando ela tão doente eu tinha mandado a criança para o convento do qual minha irmã é abadessa e que a entregara aos cuidados dessa santa criatura até a mãe se encontrar em estado de tomar conta do pequeno. A convalescença foi muito longa. Durante meses o estado da Maria José conservou-se muito delicado. A sua idea fixa era ver o filho, e os médicos repetiam-me que a notícia da morte da criança, a mataria. Tinha eu contado tudo isto à minha irmã abadessa e ela ajudava-me a prolongar a piedosa mentira. Durou êste suplicio perto de um ano e nem minha irmã nem eu sabíamos já o que fazer e dizer, quando Deus na sua misericórdia, nos acudiu. Um dia recebi recado de minha irmã que fôsse vê-la sem demora. Logo montei a cavalo e acudi ao seu chamamento. Na véspera à noite uma boa gente do povo que morava na vizinhança do convento tinha vindo bater à portada com uma triste nova. O chefe daquela família, à volta do trabalho, encontrara uma senhora que ia sôzinha pela estrada, como desvairada, com uma criancinha nos braços. Ia falando sôzinha, dizendo que fugira de casa porque não a deixavam ir ter com o marido. O bom homem, vendo que ela não estava em seu juízo, quis sossegá-la, quis convencê-la a ir descansar em sua casa. Mas ela não o escutava. Repetia: *Manuel! Manuel! Ai, que mo mataram!* E nisto caiu por terra com um ataque de coração e ali morreu. Aquela pobre gente, não sabendo o que havia de fazer, levou a senhora morta e a criancinha para o convento...

Nestê ponto da história, Manuel de Sequeira escondeu a cara nas mãos e murmurou entre soluços:

— Minha Conceição... Meu pobre amor!...

— Meu Deus! — exclamou Joaquim de Noronha. — Agora já começo a entender...

la aproximar-se do amigo, quando êste se dominou, enxugou as lágrimas e lhe pediu a continuação da sua narrativa.

— Pouco resta a contar agora, Manuel — disse Joaquim de Noronha. — Fechada na mão da morta encontramos uma medalha de ouro, guarnecida de brilhantes...

— Esta — disse Manuel de Noronha tirando a medalha do bôlso e colocando-a em cima da mesa.

— Essa mesma — continuou Joaquim de Noronha, — e mais nada que nos pudesse indicar o nome ou a família daquela senhora. Fizemos muitas indagações mas nunca descobrimos nada. Os tempos eram de terror. Todos os dias, sem razão, por denúncias malvadas ou simples suspeitas, novas vítimas do marquês de Pombal eram atiradas para as masmorras. Então tomei conta da criancinha. O meu filho, se fôsse vivo, teria a mesma idade. Levei o pequenito à Maria José dizendo-lhe que era o nosso filho. E disso ela ainda hoje está convencida. Mais tarde, quando ela se curou de todo, pensei que não valia a pena desenganá-la. Minha irmã morreu pouco tempo depois. Mais ninguém neste mundo sabia o meu segredo. Como filho criamos o Gil, com

amor de pais o educamos e estimamos sempre. Aqui tens, Manuel, a resposta à tua pergunta. E queres dizer-me agora porque ma fizeste?

— Por uma simples razão, ou melhor, por duas razões. A primeira é porque o Gil é meu filho.

E Manuel de Sequeira contou ali ao seu amigo como reconhecera a medalha e como agora percebia a parecença do Gil com a sua verdadeira mãe, e o grande affecto que a mais e mais o prendera ao rapaz.

Durante muito tempo os dois amigos conversaram, comparando datas, certificando-se da verdade por todos os meios ao seu alcance.

— Mas tu disseste que tinhas duas razões para me fazeres a tua pergunta — acudiu de repente Joaquim de Noronha.

— A segunda — respondeu Manuel de Sequeira, — é que Gil está namorado de Maria do Céu. O pobre rapaz, cuidando que ela era sua irmã, andava maluco de dor, de remorsos, de aflicção. Nunca me disse nada, mas o meu coração adivinhou o seu terrível tormento.

— Já entendo! — exclamou Joaquim de Noronha. — Então era por isso que o nosso desgraçado Gil andava tão triste e sempre a fugir de casa! Deus o traga em bem, que breve daremos remédio aos seus males!

Dali foram os dois ter com Dona Maria José e Maria do Céu; e, com muito jeito e delicadeza, contaram-lhes tudo. Eram ambas mulheres de juízo e de ânimo forte e, sendo muito amigas de Manuel de Sequeira, a alegria daquele homem que tanto sofrera, consolou-as da pena de perderem o Gil como filho e irmão. Maria do Céu não disse nada mas subiu-lhe a côr ao rosto e os que observavam com tanto amor ficaram convencidos que a perda do irmão lhe dava mais contentamento do que tristeza.

De tôda a maneira nada ficava mudado; continuariam a viver todos juntos e a estimar-se como até ali.

O que apoquentava mais as duas senhoras era a notícia da partida do Gil para a guerra. Mas ambas entendiam que a vida militar estava sujeita a tais perigos. Orgulhavam-se do Gil ser um homem e de saber cumprir o seu dever servindo a pátria e tratavam de se consolar uma à outra pensando na volta do rapaz que Deus havia de proteger.

O tempo foi passando. Os nossos soldados batiam-se lá em França, no Russilhão, como valentes e cobrindo-se de glória, que não há soldados mais corajosos e briosos do que os portugueses. Mas chegou o inverno. O govêrno de Madrid que era mau e desordenado, abandonou as suas tropas. Tudo faltava ao exército espanhol em França; faltavam-lhe mantimentos, roupas, abafos, tratamento médico, munições. Os portugueses padeciam naquela campanha mais ainda que os espanhóis porque estes não repartiam com êles o pouco que tinham. Adoeciam às centenas, morriam sem tratamento, de feridas e moléstias, de fome e de frio. Não haviam hospitais.

Os espanhóis acabaram por fazer pazes com a França, sem quererem saber dos portugueses. O rei de Espanha, Carlos IV não prestava, e o seu ministro Manuel Godoy, príncipe da Paz, ainda era pior; só fazia o que os franceses mandavam sem se importar com o bem do seu país.

Os ingleses, que tinham empurrado os portugueses para aquela guerra, agora desinteressavam-se dela.

Um ministro português, chamado António de Araújo, foi a França tratar da paz e estava tudo arrumado e em bom andamento, devendo a França pagar-nos dez mil libras tornezas (que naquele tempo era bom dinheiro) de indemnização. Mas a Inglaterra veio estragar tudo. Como nesse tratado Portugal se comprometia a não ajudar a Inglaterra contra a França, a política inglesa baralhou tudo de tal modo que por fim, no nosso tratado com a França não ganhamos nada e ninguém nos compensou das perdas que sofremos.

No princípio de Dezembro de 1795, chegou a Lisboa o que restava das gloriosas e infelizes tropas que tão bem se tinham portado na guerra e tão mau pago tinham alcançado.



Gil arriscara a vida vezes sem conta. Diziam os seus camaradas que até parecia que andava à procura da morte, de tal modo desprezava o perigo. Tais coisas fez que, de façanha em façanha, subira sempre de posto e chegara a coronel. Era o coronel mais novo do exército português, e trazia o peito coberto de medalhas. Os oficiais tinham por êle grande consideração, e os soldados respeitavam-no e estimavam-no como a um pai a-pesar-da sua pouca idade.

Vinha muito doente. Enfraquecido por falta de alimento, de tratamento, por muito sangue que perdera e pelo tormento do seu coração. Fôra ferido muitas vezes e entrou em casa apoiado a uma muleta e com um braço ao peito. Mas ainda antes de o sentarem à mesa, Manuel de Sequeira e Joaquim de Noronha fecharam-se com êle num quarto e não descansaram enquanto lhe não contaram por miúdos tudo que tinham descoberto.

— Gil — disse no fim Joaquim de Noronha, — aqui tens desvendado o segredo da tua vida. Agora, louvado seja Deus, ficas com dois pais em lugar de um.

Fraco como estava, Gil ao ouvir tais novidades, cuidava sonhar. Ia perdendo os sentidos de pura alegria. Parecia-lhe que lhe tinham levantado do peito um grandíssimo peso que o estava matando.

— Mas isso é verdade? Tudo isso é verdade?... — repetia êle.

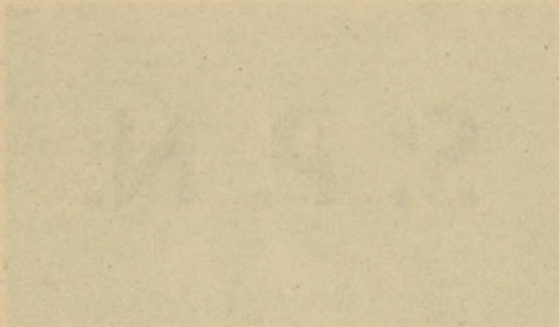
Não podia acreditar em tamanha ventura. Pensava em Maria do Céu e agora percebia quanto era legítimo e santo o grande amor que lhe tinha.

Robusto e sadio, a sua natureza e a felicidade que o inundava, em breve venceram a sua fraqueza. E poucas semanas sararam-lhe as feridas e ganhou forças e saúde.

Foi um grande dia de alegria e de festa em casa de Joaquim de Noronha, o das bôdas de Gil com Maria do Céu. Nenhum dos convidados — e eram muitos — se fartava de admirar os noivos. Eram ambos lindos e perfeitos, não podia haver par mais encantador, e a felicidade de ambos era tamanha que até parecia brilhar e resplandecer em tórno dêles como uma grande claridade.

## A SEGUIR:

HISTÓRIA MARAVILHOSA DE COMO O GRANDE  
IMPERADOR NAPOLEÃO I FOI VENCIDO EM  
PORTUGAL



*Virgínia de Castro e Almeida escreveu;  
Pamela Boden ilustrou;  
O S. P. N. deu à estampa.*

**S. P. N.**